

Por vontade expressa do autor, a presente edição não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora

© 2016

Direitos da edição portuguesa reservados para Marcador Editora  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Título: *O Senado – História de uma conspiração*

Autor: Luís Corredoura

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Gráfica 99, Lda.

Capa: Vera Braga / Marcador Editora

Imagens de capa: António de Oliveira Salazar © Paul Popper / Popperfoto, Getty Images;

homem de costas © Collaboration JS / Arcangel; outras imagens © Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-185-8

Depósito legal: 408 008/16

1.ª edição: Maio de 2016

*Aqueles que não conseguem recordar-se do passado  
estão condenados a repeti-lo.*

GEORGE SANTAYANA (1863-1952)  
dixit in *A Vida da Razão* (ed. 1905)

A história que aqui se apresenta é uma mera obra de ficção.

Alguns dos factos históricos descritos são verdadeiros, tudo o resto é fictício. Não obstante, pode haver uma ou outra casualidade ou coincidência histórica.

Os cargos, as profissões e a esmagadora maioria dos nomes utilizados são fruto da imaginação do autor. Alguns dos locais onde a acção decorre existem na realidade, enquanto outros, apesar de apresentados com diferentes designações, podem ser identificáveis pelos leitores.

Possivelmente, existem pessoas ainda vivas que, aquando da leitura destas páginas, podem ser associadas a algumas das personagens apresentadas, quer devido a coincidência de cargos e profissões, quer por certas peculiaridades comportamentais. Alerta-se, pois, mais uma vez, para o seguinte: tudo é mera coincidência, historicamente falando.

Para desfazer eventuais equívocos, lembra-se, tão-só em jeito de ironia, o que há quase dezoito séculos o escritor Luciano de Samósata apontou na sua *História Verdadeira*: «Escrevo (...) sobre o que não vi, nem comprovei, nem soube por outros e, sim, acerca do que não existe em absoluto, nem tem fundamento para existir. Portanto, os que me lêem não devem crer-me em absoluto.»

A sala estava escura. Pouca luz escoava pelas cortinas aveludadas que protegiam as janelas neoclássicas. O remanso de umas brasas, que teimavam em não esmorecer no seio da lareira, emprestava uma atmosfera mais plúmbea ao requintado compartimento.

Sentado numa poltrona, olhando para lá de um horizonte virtual, perscrutando no vazio algo que só ele sabia existir e saboreando distraidamente um *Montecristo n.º 4*, ele, a entidade parda de toda a vida da nação, aquele que comandava os seus adutores e outros demais como autênticos títeres nas mãos de um experiente mestre de marionetas, pela primeira vez na sua longa existência hesitava em relação ao que havia de fazer. Até então, o peso da idade nunca se fizera sentir e agora, chegado que estava aos oitenta e quatro anos, apenas a cabeleira totalmente branca e algumas rugas de expressão mais profundas e vindicadas pareciam querer contrariar a agilidade mental e a predisposição física para o confronto com as adversidades próprias da vivência pública e política que abraçara.

A reflexão foi interrompida por um leve, mas decidido, bater na porta da sala. Momentos depois, alguém ousou abri-la, sem que palavra alguma tenha sido pronunciada. Uma lufada de ar frio, de um final de dia invernosso de meados de Dezembro, reavivou as mortijas brasas, fazendo-as crepitar e libertar uma pequena chama e um milhar de faíscas, prontamente engolidas pela negritude da larga chaminé.

– Senhor?... – disse o vulto, que, entretanto, estancara sobre a soleira da porta.

– Sim, Fernando. Entra e fecha isso. O tempo, tal como eu, não está para brincadeiras.

Caminhando na direcção da poltrona onde se encontrava sentado o dono da casa, Fernando, o fiel camareiro e seu braço-direito desde há muitos anos, ainda parou a meio do trajecto para servir mais uma dose de conhaque *Napoleão* ao seu amo, bebida que este tanto apreciava quando estava recolhido, em reflexão.

– Obrigado. Creio que vieste até aqui para me dizer que está tudo tratado...

– Sim, senhor. Tudo conforme a vossa expressa vontade.

– Como é que fizeste?

Fernando foi parco em palavras, adiantando apenas que um acaso da fortuna colocara o objectivo da sua missão no seu caminho.

– Memorizei a marca e a matrícula. Quando regressava, dei por mim atrás do automóvel que procurava. Creio não ser preciso contar o que sucedeu de seguida.

– Isso é que foi sorte!... E viste quem era a pessoa que o conduzia?

– Pelas informações que obtive, só aquele que sabemos é que anda... andava com aquele carro. Não perdi tempo com confirmações para não deixar escapar a oportunidade de tratar logo do assunto.

O velho esboçou um sorriso de ironia.

– Muito bem. Vamos acreditar que o objectivo foi alcançado. Se não foi, não vai deixar de servir de aviso para certas pessoas.

Fernando concordou. O ancião gostou disso, comentando com hipocrisia:

– Infelizmente, uma família vai ter um Natal menos alegre para que todas as outras possam passar esta época festiva que se aproxima sem sobressaltos.

– Se me permite, senhor, acrescento que é a lei da vida. Sempre houve quem se sacrificasse em prol da felicidade dos outros.

– Pois é... Se assim não fosse, não teríamos Natal!... Nem tão-pouco haveria Páscoa!... A cristã, claro está!

Aquele comentário provocou uma risada cínica e, simultaneamente, insegura no velho, que agora segurava um copo que continha uma generosa dose de conhaque.

– Pretende mais alguma coisa de mim, senhor?

– Por agora, não, Fernando. Mas daqui a um bocado, quando estivermos perto das oito, quero que estejas preparado para sairmos. Temos de ir tratar de outras coisas ainda hoje para evitar que o mal se espalhe de forma descontrolada.

O serviçal, sempre contido e pouco dado a reflexões, ousou expressar-se com confiança.

– Creio que, ao termos eliminado a fonte, a torrente acabará por perder o seu ímpeto e morrerá no deserto.

O ancião não ocultou uma certa surpresa face ao que escutara.

– Meu caro Fernando, estás um autêntico poeta! – ironizou, sorvendo depois um pouco do conteúdo do copo. – Esta tua imagem romântica não serve

de consolo à minha inquietação. Isto não se trata de uma fonte, trata-se de um cancro. Eliminou-se o tumor principal, resta saber quantas metástases existem, assim como falta perceber se é possível extraí-las antes que o seu crescimento se torne ingovernável, algo que conduzirá o corpo a uma morte certa.

Optando sensatamente por não dar réplica àquelas palavras, o solícito subordinado deixou o patrão na quietude dos seus pensamentos.

– Sim, senhor. Às oito, virei buscá-lo.

De novo, no silêncio, e numa mais profunda penumbra, o *senhor* de Fernando reflectia sobre o que tinha corrido mal para agora se encontrar naquela periclitante situação face à opinião pública e, porque não?, face à História.

«Afinal, o que correu mal?» Assim regressava às suas questões, ao que lhe atormentava o espírito, ao que lhe desassossegava a mente.

A inquietação que o acometia não era coisa de somenos. Sim, ele tinha plena noção disso, sobretudo porque o seu nome havia muito que se encontrava gravado em letras douradas nos compêndios e anais da História como sendo o de um dos principais defensores da democracia e liberdade, como sendo um dos pais do sistema político que regia esse país chamado Portugal, pátria amordaçada e esquecida pelo progresso durante os quase cinquenta anos de uma ditadura inspirada nos ideais fascistas e autoritários do regime de Mussolini, uma nação que não soube regenerar-se e libertar-se de vez de uma mentalidade tacanha e invejosa, repleta de velhos do Restelo, profetas da desgraça e outros místicos que entravavam a normal evolução da vida.

«No meio disto tudo, ainda bem que este país continuou assim. Tirando isso, o que correu mal para eu estar agora como estou, nesta inesperada ansiedade?», era a questão que mais lhe assomava à cabeça. «Como é que aquele desgraçado logrou obter aquilo tudo sem eu me aperceber, sem que ninguém me chamasse à atenção, sem que ninguém me avisasse previamente, como é habitual, e como conseguiremos evitar que aquilo seja publicado e divulgado na imprensa sem sermos prejudicados? Maldição! Maldição! Maldição!»

Atirando precipitadamente o charuto para a lareira, reavivando um pouco o brasio alaranjado, o velho homem levantou-se com agilidade da poltrona, bebeu de um só trago o conhaque que lhe restava no copo e pôs-se a andar de um lado para o outro, em frente do fogo, como se se tratasse de um animal enjaulado.

De súbito parou e dirigiu-se para a enorme secretária de mogno preto, estilo Império, à qual todos os dias trabalhava e punha a leitura em dia. Sobre o tampo, um telefone escuro chamou a sua atenção. Era altura de contactar alguém.

– Estou? Sou eu. Às vinte e trinta, hoje, no Templo. Aguarde por mim no Palácio um pouco mais tarde.

Do outro lado, uma voz limitou-se a confirmar a hora e o local com um gutural sim.

Já sentado na cadeira da secretária, e com os cotovelos apoiados no tampo, escondendo o rosto entre as mãos, o ancião tentou fazer uma retrospectiva dos acontecimentos, para ver se nada lhe falhava na memória, que, não obstante a idade, continuava prodigiosa. E assim ficou, meditabundo, até o seu prestável serviçal o ir buscar à hora combinada.

## I

**A**ntónio Norte era uma referência para os colegas de trabalho e, também, para a sua classe profissional. Conhecido e carinhosamente tratado por Totem, aglutinação do diminutivo do seu primeiro nome com a última sílaba do apelido, à qual se somou a envergadura física – um pouco acima dos padrões normais –, António aparentava quarenta anos. Casado, tinha dois filhos pequenos: o Emanuel e a Mariana. A esposa, a frenética Alexandra, era, tal como ele, jornalista, trabalhando, no entanto, numa estação de televisão.

Apesar de ter sido várias vezes convidado para entrar no meio do audiovisual, António mantivera-se fiel ao seu princípio de que o «importante é a notícia, não quem a dá». Deste modo, a sua vida profissional sempre se relacionara com os jornais diários e com o jornalismo de investigação, aquilo que, na realidade, mais gostava de fazer.

António trabalhava na redacção do *Diário do País*, um jornal que, para o cidadão comum, se pautava pela isenção e que jamais publicava notícias com laivos de sensacionalismo sem antes ter plena certeza e confirmação das fontes e da fidedignidade do acontecimento.

– Então, Totem, já sabes da última dos americanos? – questionou-o Ricardo, colega de trabalho que, apesar de ser um pouco mais novo, era o seu companheiro de muitas investigações jornalísticas e seu confidente quando precisava de desanuviar e desabafar acerca das vicissitudes da vida.

– Não estou a ver...

– Tanta coisa em relação ao cretino do anterior presidente para, no fim, o actual, agora que está a terminar o mandato, acabar de anunciar que vão ser enviados mais cinco mil soldados americanos para o Afeganistão e que a retirada do Iraque, algo que nunca passou de um verdadeiro embuste, corre o risco de ser mais uma vez suspensa devido ao que, por estes dias, se passa no Norte do país e em grande parte do território sírio. Afinal, parece que aquilo que o Bush filho iniciou há mais de doze anos nunca foi bem um passeio de domingo... Mais valia lá ter deixado o Saddam!...



Arqueando as sobrancelhas enquanto exibia uma expressão de conformismo, Ricardo, recostado na cadeira, com os braços flectidos atrás da cabeça, deixando que esta descaísse até ficar apoiada nas mãos, suspirava.

– Aí estão os jihadistas, os mais recentes filhos dessa loucura, para reforçar as provas que indicam que os sobrinhos do Tio Sam são desde há muito governados por uma cambada de *cowboys* sem o mínimo de inteligência e sensibilidade no que toca a questões de política internacional.

– Provavelmente, os soldados que lá estão não chegam para garantir uma extracção segura de petróleo. Sabes tão bem quanto eu que o mercado anda agitado. Aos americanos não lhes interessa nada que as coisas estejam inseguras, nomeadamente naquela região.

– É, é sempre a merda do petróleo. Afirmam que as reservas vão acabar e tal... No entanto, nunca se explorou tanto petróleo como agora. O curioso é que já ouvi dizer que a América está a um passo de se tornar auto-suficiente em termos petrolíferos graças àquela história do petróleo de xisto... Não percebo porque insistem em continuar a arranjar confusão no resto do mundo. Aliás, claro que percebo!... Há que dividir para reinar.

Ricardo mostrava-se indignado. Nunca escondera a aversão que sentia pelos políticos de Washington e pelo que considerava uma desavergonhada intromissão daqueles nos mais diversos pontos do globo sempre que existia a possibilidade de milhares de milhões de dólares poderem reverter para os bolsos dos especuladores e capitalistas de Wall Street.

– Há coisas que me transcendem – continuou, agastado. – Dizes que o mercado anda descontrolado... Pois, os preços do barril estão muito baixos quando comparados com, digamos, os de há três ou quatro anos. Mas aqui, em Portugal, os combustíveis estão cada vez mais caros... Sabes o que eu acho?

António, conhecendo os hábitos do colega, sabia que a resposta àquela pergunta retórica só podia ser um disparate.

– Acho que nós é que somos os principais financiadores do Estado Islâmico!...

– O quê?!

Ricardo ria-se.

– Então, não é verdade que os tipos se financiam em grande parte graças aos poços de petróleo que controlam e cuja extracção é depois vendida no mercado negro? Suspeito que os nossos governantes devem ter feito um trato com essa malta...

António divertia-se sempre com as teorias de conspiração do amigo.

– Como assim? Queres dizer, por exemplo, que os fundamentalistas islâmicos fizeram um acordo comercial com Portugal?

– Estou cada vez mais inclinado para crer nisso. Só ainda não descobri quais os argumentos que usaram para convencer os que nos *desgovernam* a entrar num negócio desses. Cá para mim, ameaçaram mandar abaixo o Cristo-Rei, a Torre dos Clérigos ou dinamitar o Santuário de Fátima num treze de Maio qualquer, quando aquilo estiver cheio de gente. Se os americanos sabem que fizemos um trato com esses terroristas!...

Para o loquaz jornalista, Washington provavelmente já suspeitava de algo, caso contrário não anunciaria o abandono da Base das Lajes, situação que tanto transtorno ameaçava causar às populações açorianas.

– É o castigo que vamos ter de pagar por andarmos a brincar com o fogo – adiantou, pleno de falsa convicção. – Em suma, o mercado está inundado de petróleo, quer seja por vias legais, quer seja através de canais clandestinos, o que implica a normal baixa do preço. No entanto, nós, portugueses, porque temos esta mania de nos considerarmos ricos, somos quem mais paga pelos derivados do conteúdo de um barril de petróleo. Vê só quanto custa um litro de gasolina em Espanha!...

António parecia meditar sobre a questão. Independentemente da sarcástica diatribe que escutava, sabia que a essência do conteúdo era verdadeira, pelo que não se coibiu de concordar.

– Pois é. O pior é que nunca estivemos tão dependentes de combustíveis fósseis como agora. É uma chatice! No meio disto tudo, quem se trama somos nós, que pagamos cada vez mais pela gasolina e estamos cada vez mais pobres. Já viste o último estudo sobre o nível de vida dos portugueses? Estamos pior do que há vinte anos!...

Ricardo gostava que corroborassem o que dizia. Sem delongas, aproveitou o ensejo para se perder em mais alguns devaneios.

– Eu, por vezes, interrogo-me: se, em vez de termos descoberto o Brasil, tivéssemos descoberto petróleo, estaríamos hoje melhor?

António foi rápido a desfazer a dúvida.

– Não, não te fies nisso. Se isso tivesse acontecido, nunca saberíamos o que fazer com essa descoberta e, na melhor das hipóteses, acabaríamos por vendê-la ao preço da chuva aos americanos ou aos ingleses, como os russos fizeram com o Alasca.

– Isto é um país tramado. É o país dos três efes: Fátima, fado e futebol!

– Quatro, quatro efes.

– Como?

– É um país eternamente fodido com efe maiúsculo.

Depois de se terem rido deste comentário, os dois jornalistas concentraram-se no trabalho que estavam a fazer. Tendo como ponto de partida aquilo que havia ainda pouco os levara a divagar – as questões relacionadas com os movimentos fundamentalistas islâmicos no Médio Oriente e Norte de África –, António e Ricardo Castro desenvolviam uma investigação que os levara, até esse instante, a ter um conhecimento mais aprofundado das actividades políticas e económicas de Portugal com o regime sanguinário de Saddam Hussein, desde os idos anos pós-revolução de Abril até aos inícios dos anos 90.

– E ainda não chegámos à Primeira Guerra do Golfo! Imagina só o tamanho que vai ter este monte de papéis quando abordarmos a Al-Qaeda e o dito Estado Islâmico! – suspirava o mais encorpado dos jornalistas, olhando para a pilha de documentos recolhidos ao longo das últimas semanas.

– Pois... – concordava Ricardo. – Acho que o Santos vai ter de arranjar mais gente para a equipa caso queira isto pronto a tempo e horas.

Avaliando o volume de papéis que o colega mencionara, o desassossegado jornalista rematou a sua suposta angústia com um suspiro.

– Cá para mim, ainda vamos acabar por escrever um livro em vez de um artigo.

Conforme ambos sabiam, a investigação não seguia com a fluidez desejada. Nos últimos dias, as contrariedades, sem que houvesse uma explícita razão para tal, tinham-se multiplicado, nomeadamente quando se aperceberam da existência de um negócio paralelo de tráfico de armas ocorrido durante os anos da Guerra Irão-Iraque. Reforçando a ideia de que algo obscuro e condenável se ocultava nos meandros da História, todas as fontes contactadas relacionadas com o assunto conduziam a becos sem saída: quem sabia de alguma coisa tinha morrido, ou estava comodamente instalado no outro lado do mundo e incomunicável ou, então, não se lembrava bem do que sucedera nesses loucos anos 80!...

Não obstante as imprevistas dificuldades e os entraves, nada impedia que, paulatinamente, fossem sendo desvendados pequenos segredos e histórias dignas de romances de espionagem. Uma delas, e até aí a favorita dos dois jornalistas, relacionava-se com os portugueses que trabalharam na edificação dos palácios do ditador iraquiano e que, anos depois, os serviços secretos americanos contactaram para que lhes fornecessem informações acerca das prováveis passagens secretas e *bunkers* existentes nessas colossais construções.

– Afinal, parece que o leão não se consegue libertar da rede sem a ajuda do pequeno rato... – ironizava António acerca desse pequeno e despercebido papel desempenhado pelos operários portugueses em prol da vitória americana na sua aventura bélica mesopotâmica.

– António! – chamou Isabel, uma colega da redacção, interrompendo o diálogo entre os investigadores. – Tens uma chamada. Vou passá-la para a linha dois. Atendes?

– Sim. Obrigado.

Uma voz feminina, firme, denotando uma subtil ansiedade, somente perceptível a ouvidos mais atentos, perguntou se estava a falar com o jornalista António Norte.

– Sim, é o próprio.

– Tenho algo que poderá considerar interessante.

– Claro. Mas primeiro pode identificar-se?

– Não sei se será seguro. Prefiro encontrar-me consigo, a sós, no Café Século, às quatro da tarde de hoje. Sabe onde fica?

– Sei. Mas, de qualquer forma, como posso ter a certeza de que aquilo que tem me interessará realmente?

Após um silêncio pensativo que durou breves instantes, a pessoa da voz feminina acrescentou algo mais.

– Digamos que aqueles que até agora têm governado o país ou que têm estado, desde a Revolução de Abril, em lugar de destaque, não são bem aquilo que aparentam na vida privada...

António, com alguma brusquidão, cortou a palavra.

– Escute, minha senhora, se é para me mostrar pormenores sórdidos da vida privada dessas pessoas, digo-lhe já que não estou interessado. Há outros jornais e revistas da especialidade que venderão a mãe e a alma ao diabo caso lhes seja proposto publicar o que decerto tem para lhes dar...

– Não, senhor António Norte! – opôs-se, determinada, a voz feminina, sendo a sua vez de interromper o jornalista. – O que tenho para lhe revelar, ou, melhor dizendo, o que sei, põe em causa a soberania deste país e até a sua História, aquela que já foi escrita e é ensinada aos seus filhos. Se conhece a novela *Topázio*, saberá do que falo.

*Topázio!*? Ao ouvir esta palavra, António ficou hirto. Claro que conhecia o romance de Leon Uris. «Coisa estranha!... Que tipo de relação poderá haver entre as palavras desta suposta tipa e esse romance?», pensou rapidamente, enquanto tentava engendrar algo mais para dizer.

– Muito bem! Às quatro, no Século. Como irei reconhecê-la?

– Não se preocupe. Vou ter consigo. Até logo.

Ainda a remoer o que acabara de ouvir, o raciocínio do jornalista foi, dessa feita, interrompido por Ricardo, que, à sua frente, gesticulava como se fosse um símio adestrado, tentando arrancá-lo do torpor em que caíra.

– Há! O que foi?

– Calma – contemporizou, percebendo que algo acabara de perturbar o colega. – Posso falar?

– Desculpa. Estava aqui a pensar numa coisa... Sim, podes falar – rematou, forçando um sorriso.

Trazendo o amigo de volta a assuntos mais mundanos, Ricardo somente pretendia, naquele momento, saber duas coisas: onde podiam ir almoçar e o que acontecera para que António tivesse ficado tão taciturno.

– Deixa. Conto-te no caminho. Vamos almoçar à Taberna.

## II

Quando António Norte e Ricardo Castro se preparavam para sair do edifício do jornal, foi a vez de Alexandra, a mulher de António, ligar para o telemóvel deste.

– Sim? Diz lá, querida.

Após alguns segundos em silêncio, escutando as palavras da esposa, António suspirava profundamente, como que enfadado com a conversa.

– Sim, está bem. Não te preocupes. Vou só almoçar com o Ricardo. Sim, sim, logo ainda passo no supermercado e faço compras. Vá, um beijo e bom almoço para ti também.

O mais novo dos jornalistas interrompeu os pensamentos do amigo assim que a chamada terminou.

– Então, está tudo bem? Fizeste um ar de tédio a meio da conversa!...

– Oh, agora deu para desconfiar. Está sempre a telefonar-me para saber onde estou, com quem estou e o que estou a fazer. Não percebo. Ela nunca foi assim. De determinada e confiante, passou a insegura e hesitante. Até parece que lhe dou razões para duvidar de mim.

– Sabes como são as mulheres. Estão sempre a adivinhar chuva.

– Pois, só que os problemas mais difíceis de resolver são aqueles que não existem, os que elas julgam existir. A partir daí, quase nada as demove.

– Não liguês. Isso passa-lhe. Tira um fim-de-semana de férias com ela. Deixas os miúdos com os teus sogros e vão relaxar. Olha, vai passear. Não me disseste há dias que gostavas de ir a Roma, uma das poucas capitais europeias que não conheces? Aproveita e faz uma segunda lua-de-mel...

– Pois... Até parece que é fácil, que só basta querer – suspirou António, concordando que conhecer a capital italiana era um sonho há muito por concretizar.

Ao chegarem à Taberna, o empregado, velho conhecido de ambos, prontamente disponibilizou uma mesa num local mais íntimo e sossegado, como

fazia sempre. O ambiente era familiar e recatado, típico de um restaurante da província, onde os frequentadores habituais se tornam amigos e confidentes dos proprietários e pessoal de serviço. No meio de todo aquele acolhimento, a garrafeira do estabelecimento, impecavelmente ordenada e exposta numa das paredes do fundo, era o que mais cativava António. Sempre que podia e tinha tempo, algo que, para seu desgosto, não sucedia na presente ocasião, não se coibia de beber os bons vinhos ali expostos depois de pedir opinião ao chefe de sala.

Assim que se acomodaram, o mais novo dos jornalistas expressou a sua curiosidade.

– Ainda não me disseste qual o conteúdo daquele telefonema que recebeste na redacção.

– Ah, sim! Coisa estranha. Uma fulana, que não se identificou, disse-me para estar às quatro no Século, pois tem algo para me mostrar que pode mudar a História.

– Ena! Mas isso parece-me ser uma coisa em grande! – ironizou Ricardo, exagerando nos gestos feitos com os braços, exibindo uma expressão de falsa estupefacção.

– Cá para mim, é uma paranóica qualquer que se convenceu de que a sua teoria da conspiração é verdadeira, desesperadamente à procura de cinco minutos de fama.

– Mas tu levaste a coisa a sério. Senão, tinha-la mandado passear.

– Sim. Houve algo que ela disse que me fez ficar com um pé atrás...

Face ao semblante pensativo de António e ao seu súbito mutismo, o colega instou-o a continuar, tendo para isso estalado os dedos, como se tentasse despertá-lo do estado contemplativo em que caíra.

– Desculpa. Estava a tentar organizar as ideias. O que dizia eu?

– Falavas de algo que ela te disse...

– Ah, sim. Ela mencionou o caso *Topázio*, aquele romance do Leon Uris sobre a espionagem e venda de informações que um agente francês fazia para a antiga União Soviética.

Ricardo jamais ouvira falar desse livro. No entanto, simulou saber qual o principal tema da trama.

– E então?

– E então parece-me que o que essa misteriosa senhora me quis transmitir é que está na posse de informações que podem comprometer alguém ou bastante gente relacionada com um caso semelhante ao do romance.

– O quê? Venda de informações aos soviéticos? Não me faça rir!... O que poderíamos ter fornecido aos agora ex-comunas que eles não soubessem há muito tempo?

– Não sei. Lembras-te da história dos arquivos da PIDE?

– Qual? Aquela em que quase arranjámos um acidente diplomático com uma data de embaixadas de países da Europa de Leste e pusemos metade da velha guarda do PCP a chamar-nos porcos fascistas?

Perante a expressão de repúdio do amigo, António engasgou-se após ter soltado uma risada.

– Essa mesmo – respondeu, somente depois de ter tossido durante vários segundos, revivendo o que sucedera.

Apesar de, nessa profunda investigação jornalística, António e a sua equipa – na qual Ricardo estava incluído – não terem encontrado uma explicação cabal para o facto de os ditos arquivos, logo após o 25 de Abril, aparecerem, na íntegra, em Moscovo, nem terem logrado descobrir quem foram os implicados nessa operação, esse trabalho deixara marcas profundas em todos os envolvidos, principalmente devido aos subsequentes e longos processos judiciais relacionados com acusações de difamação e ofensas físicas e verbais.

No entanto, pela primeira vez alguém ousara ir mais longe, mais fundo, ser mais temerário, desafiando uma ordem que cada vez mais se assemelhava àquela que supostamente fora derrubada na madrugada de 24 para 25 de Abril de 1974. Graças a esse arrojo, muitos segredos do passado recente do país tinham sido mencionados publicamente, assim como nomes de pessoas tidas como intocáveis, mas suspeitas de fornecer informações sigilosas, referentes aos interesses políticos, económicos e sociais de Portugal, aos serviços secretos sediados atrás da Cortina de Ferro.

Quando os cabecilhas, em Moscovo, se mostravam renitentes em aceitar tantos dados oferecidos de um modo tão fácil, sem que houvesse qualquer tipo de exigência, a oferta era descaradamente feita a outras entidades supranacionais que há muito operavam à margem de qualquer lei a troco de alguns milhares de contos, que muito jeito davam aos bolsos de alguns políticos que não perdiam uma oportunidade para se afirmarem como grandes patriotas.

Recomposto, António elucidou o amigo.

– Ora, é certo e sabido que os dados remetidos para a Rússia davam muito jeito aos camaradas do KGB. Todos sabem que a PIDE tinha aquela mania doentia de fazer fichas de toda a gente. Até o cardeal Cerejeira, o amigo de Salazar nos tempos da faculdade, estava fichado.



Ricardo fez um compasso de espera, parecendo meditar acerca do que acabara de ser dito.

– Sim, isso é verdade. Bem, uma coisa é certa: não perdes nada em ir ver quem é essa enigmática senhora. Pode ser que ainda ganhes o dia, tanto profissional como pessoalmente falando!... – A piscadela de olho com que rematou a observação insinuava que a misteriosa dona da voz talvez valesse, por si só, uma ida ao Século.



O Século era desde há muito um café frequentado por gentes ligadas ao jornalismo e à política. Não era difícil esbarrar com dois deputados em amena cavaqueira, mesmo que estes pertencessem a partidos de quadrantes opostos e que, horas antes, parecessem feras enjauladas, digladiando argumentos e acusações em pleno hemiciclo, ou ver algum ex-ministro caído em desgraça conversando em surdina com um jornalista, transmitindo, apenas por mero revanchismo, inconfidências dos tempos em que ocupara algum cargo num qualquer governo.

Faltavam ainda cinco minutos para a hora prevista quando António Norte chegou. Conforme constatou, muitas mesas da esplanada estavam vagas. Os clientes regulares optavam normalmente pelas mesas da sala, onde uma luz difusa e pálida convidava a diálogos mais recatados e intimistas.

Depois de alguma hesitação, o jornalista optou por ficar no exterior, escolhendo a mesa que lhe pareceu ser a mais discreta. Sentou-se e pediu um café.

Passaram quinze minutos. Nesse entretanto, ninguém o abordou, pelo que começou a ponderar seriamente abandonar o local e voltar à redacção.

«Bolas! E eu ainda fui na conversa! Enfim, nunca mais aprendo! Vou-me embora. Tenho mais que fazer. Afinal...» O pensamento foi interrompido.

– O senhor chama-se António Norte? – perguntou o rapaz que fazia o serviço da esplanada.

– Sim.

– Tem aqui um envelope para si.

– Quem lho deu?

O empregado mostrava-se embaraçado.

– Desculpe, mas não sei. Quando entrei ao serviço, isto já estava atrás do balcão, à espera de ser entregue.

– Pronto, está bem. Deixe-me cá ver isso. Obrigado.

Julgando tratar-se de uma brincadeira de mau gosto, António rasgou apressadamente o sobrescrito, tirando do seu interior um pequeno bilhete.

*Sr. António Norte*

*Espero que aceite as minhas desculpas por não estar, neste momento, a conversar pessoalmente consigo. Infelizmente, tive de agir deste modo, pois precisava de ter a certeza de que daria crédito às minhas palavras, algo que sucedeu se está a ler esta nota. De qualquer forma, ambos sabemos que o Século é um local demasiado exposto se pretendemos ser discretos.*

*Peço-lhe, então, que se dirija à Rua Luís de Camões, n.º 136, 5.º frente.*

*Estarei à sua espera às 17h00. Suponho que não dirá nada a ninguém acerca desta súbita mudança de planos.*

*Atenciosamente,*

*Judite*

– É preciso ter lata! – António não escondeu o quão irritado ficara com o que lera. – Pelo menos, parece ter um nome: Judite.

Como era habitual, a curiosidade que comandava a sua actividade profissional fez-se notar. Relendo duas vezes o bilhete, torceu o nariz, mordeu a ponta do lábio inferior, como sucedia quando estava prestes a tomar uma decisão e, enquanto pagava a conta, murmurou para si mesmo o que afinal iria fazer de seguida.

– Com tudo isto, lá se foram as compras. Tenho de avisar a Alexandra. Esperemos que o sermão não venha outra vez a caminho...

Andando até ao local onde deixara o automóvel estacionado, o jornalista telefonou à mulher e logrou convencê-la, não sem alguma dificuldade, de que podia estar em vias de conseguir um furo, daqueles que muitas vezes só acontecem uma vez na vida. Não dando muito crédito às palavras do marido, Alexandra recomendou-lhe prudência e atenção redobrada se a fonte de informações fosse uma mulher.

– Pensa com o que tens em cima do pescoço e não com o que tens entre as pernas! – advertiu-o, num tom que, apesar de soar a brincadeira, parecia conter uma ameaça.

– Fica descansada. Para mim, no meu trabalho, só existem homens..., e feios e malcheirosos!... – gracejou, sem muita convicção.

Vendo que ainda tinha tempo, António passou rapidamente pela redacção para apanhar alguns objectos pessoais e um pequeno e quase indetectável gravador. «Pode vir a ser útil», pensou, «... e sempre é mais fiável do que estes telemóveis modernos, que, com tantas aplicações, nunca funcionam comigo.»

– Então, como correu? – perguntou-lhe Ricardo.

– Não correu.

– Como assim?

– Aquilo era só para ver se eu tinha dado crédito às palavras que ouvi pelo telefone antes do almoço.

– Então, e agora?

– Agora... olha, não sei. Entretanto, lembrei-me de umas coisas que tenho de fazer. Hoje, já não volto cá.

– E para essas coisas que tens de fazer precisas de um gravador?

– Nunca se sabe, nunca se sabe – respondeu em jeito de despedida, com um sorriso, percebendo que o colega não era tão distraído como supunha.



– Quem é?

– António Norte.

– Pode subir – respondeu a voz metálica do transmissor da portaria, não permitindo que se percebesse se as lacónicas palavras eram de origem feminina ou masculina.

Enquanto aguardava pelo elevador, António mexeu no gravador e preparou-o para, caso isso se revelasse necessário, conseguir ligá-lo de uma forma discreta. Durante a subida, até ao quinto piso, compôs apressadamente a espessa cabeleira, não evitando pensar naquilo que realmente estaria à sua espera. Seria uma autêntica bomba jornalística, um engenho capaz de derrubar um governo ou de provocar uma revolução, ou um mero *fait-divers* sem qualquer relevância, uma mera coscuvilhice de salão de chá?

Uma senhora com alguma idade abriu a porta do apartamento em questão assim que o elevador parou e o jornalista surgiu no átrio. Apesar do peso dos anos, ela apresentava um ar distinto e seguro. A indumentária não deixava transparecer se era uma serviçal ou a proprietária. Com um gesto decidido, indicou-lhe que entrasse, levando-o, de seguida, até à sala.

– Aguarde só um pouco. A senhora Judite vem já.

Com grandes janelões voltados para o lado do rio, a vista que se obtinha daquele compartimento era fabulosa. A decoração do espaço denotava um sentido estético apurado. Algumas peças de *design* mais arrojado e japonesas, que protegiam os vãos das janelas e emprestavam uma certa penumbra reconfortante aos locais onde estavam corridas, transmitiam uma sensação de agradável acolhimento.

António encontrava-se junto de um dos janelões, apreciando o panorama, aquele extraordinário quadro da cidade e do rio, quando uma voz o sobressaltou.

– Boa tarde, senhor António Norte. Peço imensa desculpa pelas voltas que o obriguei adar. Eu sou a Judite.

O estômago do jornalista contraiu-se, sinal de que não estava preparado para enfrentar aquilo que passou a ter à sua frente quando voltou costas à paisagem urbana. Com cerca de trinta e cinco anos, cabelo negro, meio ondulado, cobrindo-lhe os ombros, olhos verde-escuros brilhantes e um sorriso que mostrava uma dentição perfeita e imaculadamente branca, Judite cativava, sem o mínimo esforço, a atenção de qualquer público masculino – e até feminino! A silhueta também condizia com a beleza do seu rosto. Elegante, com um busto realçado pela justa camisa que usava mostrando os dois botões do topo da mesma propositadamente abertos, apelava à atenção. Um calças que se colavam às ancas e que alargavam do joelho para baixo ocultavam, insinuando com discrição, uns membros inferiores bem torneados, de carnes firmes, sem serem musculados em excesso.

– Aaah... sim! Boa tarde, senhora Judite – cumprimentou, não conseguindo ocultar um certo desconforto. – Realmente, não é muito habitual da minha parte estar neste tipo de situação.

– E o que é que o trouxe aqui? – A anfitriã indicou-lhe uma cadeira para que se sentasse enquanto parecia querer hipnotizá-lo com o olhar. – Como sabe que aquilo que tenho para lhe dar não é uma efabulação qualquer?

António forçou um sorriso antes de assumir uma expressão mais circunspecta.

– Não sei. Apenas sei que nem toda a gente conhece o romance *Topázio*. A analogia que pretendeu fazer entre aquilo que, aparentemente, parece saber e a dita novela fez com que lhe desse o crédito necessário para agora me encontrar aqui.

– Sempre pensei que os jornalistas fossem atrás de qualquer pista – zombou a suposta dona do apartamento.

– Pois... Não vou contrariá-la. Há esses e depois há os que fazem a chamada selecção natural das coisas.

– Presumo que o senhor se encontra no segundo grupo...

Com um olhar misterioso e cintilante, Judite perscrutou o rosto do jornalista, incomodando-o devido à intensidade do gesto.

– Se assim sucede, como sabe que não pretendo enganá-lo?

– Não sei. Mas, como diz o provérbio, «quem não arrisca...»

Judite sorriu enigmáticamente, o que acentuava o tumulto que provocava na concentração do seu convidado.

– Bom, decerto estranhou o facto de ter entrado em contacto consigo em vez de falar com outro colega seu. Ou não?

Simulando ter visto uma pequena lasca numa unha de um dos dedos da mão, António baixou o rosto antes de responder. Aquela mulher conseguira abalá-lo... e ainda nada fora revelado!

– Sinceramente, nem pensei nisso. Como é habitual receber chamadas de pessoas que querem contar esta ou aquela história que, segundo elas, são autênticas bombas, nem me dei ao trabalho de pensar fosse no que fosse. No fundo, até fico um pouco... bem, digamos, enlevado, pois não faço jornalismo do género diário. Dedico-me mais à investigação. Creio que já tenho algum crédito na praça, algo que dá azo a que alguma gente tente entrar em contacto comigo para me relatar certos acontecimentos ou teorias.

– Então, tem aqui, à sua frente, mais uma dessas pessoas. Garanto-lhe, desde já, que não vou contar uma história de fantasia...

A mente do jornalista estava em ebulição. «Isso é o que tu dizes!... Eu é que decido se o que vais dizer tem alguma validade...»

– ... mas peço-lhe só um pouco de paciência para me ouvir. Se ficar interessado naquilo que tenho para lhe dar, estas sessões prolongar-se-ão por algum tempo. Julgo que se surpreenderá com o que vai ficar a saber.

– Então, há assim tanto para contar que obrigue a vários encontros?

– Há, garanto-lhe que há. E, como lhe disse, há surpresas, e muitas. Se lhas der todas, de repente, pode não ser capaz de as digerir – observou Judite, com algum sarcasmo.

António não se mostrou muito entusiasmado com o que escutava.

– Muito pouca coisa é capaz de me surpreender nos dias de hoje.

– Pode ser que eu consiga contrariar essa sua postura.